

## António Gedeão: decifrador do mundo, alquimista do sonho

Às Urbano Tavares Rodrigues

Do Homem com maiúscula, intelectual bifronte que é o Rómulo de Carvalho/António Gedeão, podemos dizer sem exagero que ele representa, nesta segunda metade do século XX, a ânsia de saber e o antropocentrismo do século XVI, a sua multidisciplinaridade projectados numa era de incessantes e vertiginosas descobertas científicas, que infelizmente não coincidem com o aperfeiçoamento moral e cívico da nossa espécie.

Em Rómulo de Carvalho, no meu tempo do liceu Camões, por volta de 1940, o professor de física-químicas mais respeitado e amado desse estabelecimento de ensino. Pedagogo excepcional, polígrafo com o gosto da pesquisa e o talento da divulgação, ninguém entendo poderia adivinhar que ele viria a ser o poeta António Gedeão, cantor sereno e hiperativo, e ao mesmo tempo comovido, das relações tão profundas da ciência e da arte e da solidariedade humana, isto é, dos diversos modos, complementares, de aprender a vida e o universo.

À

Foi ele que veio estabelecer, com a sua poesia, um espaço de conciliação, de interrelação dinâmica entre a cultura literária e humanística, por um lado, e o conhecimento científico, por outro. Como sábio, como alquimista “dos minérios e do verbo” vem António Gedeão, com Movimento Perpetuo, em 1956; com Teatro do Mundo, em 1958; com Mágquina de Fogo, em 1961, superar o verdadeiro abismo que existia (e afinal continua a existir, salvo raras exceções) entre esses dois domínios. Os seus poemas lirico-didáticos, de constatação das coisas, de explicação dos fenômenos conseguem a fusão das duas atitudes habitualmente separadas; a sua viva inteligência, a sua palavra serena penetram a mecânica do mundo físico e criam os seus correlatos no jardim das ideias e das sensações.

António Damásio veio recentemente demonstrar-nos, no seu livro *O Erro de Descartes*, quanto são, ou devem ser, unidas e solidárias, a razão e a emoção. A obra poética de Gedeão constrói, através da beleza dos conceitos e das analogias e da musicalidade do verso, uma leitura da Terra, dos reinos animal, vegetal, mineral, em que estão presentes, explícita ou implicitamente, as lições de Copérnico, de Galileu, de Lavoisier, Newton, Darwin, Einstein, como estão, de certo modo, as descrições de Ovidio e de Lucrécio. Propõe-nos simultaneamente essas duas maneiras de olhar e decifrar o visível e o invisível “o mundo e a vida como sucessão de fenômenos físicos, intelectualmente atingíveis pelas operações mentais e pela química emocional.

Jorge de Sena falou-nos, no arguto e meticuloso prefácio que escreveu para as *Poesias Completas de António Gedeão*, de 1956-1967 2, subtitulado “esboço de análise objectiva”, no “carácter experimental” do discurso do autor de *Linhas de Força*.

Ocorre-me hoje uma comparação entre a poesia de Gedeão e o *O Mundo de Sofia*, de Jolstein Gardner, pelo que ambos contêm de inteligente pedagogia, embora explorando zonas diferentes do pensamento humano.

António Gedeão aos cinquenta anos surge como poeta, na plenitude dos seus dons, e vem inserir-se num espaço literário em que Miguel Torga, Vitorino Nemésio, José Régio, Sofia de Mello Breyner Andresen ocupam já uma posição cimeira e em que se afirmaram ou começaram a afirmar-se talentos tão diversos como os de Jorge de Sena, Ruy Cinatti, Mário Cesariny, Eugénio de Andrade, José Gomes Ferreira, Carlos de Oliveira, Ramos Rosa, David Mourão-Ferreira.

A veia de António Gedeão é aérea, na busca da melodia e do ritmo e em parte por isso, mas sobretudo pela força e generosidade da mensagem, virá ele a ser mais tarde cantado por Manuel Freire e Carlos do Carmo. «Pedra Filosofal» pode considerar-se, no seu gênero, uma obra-prima, pela fluidez, pelas sonoridades luminosas, pela singeleza dos arranjos sintáticos e rítmicos, lineares, sem transportes, pela riqueza e originalidade das enumerações que lhe dão a respiração, a robustez e o alento, a força motriz, com qualquer coisa de primitivo, mas também de sofisticado, num trajecto que percorre a história da epopeia humana.

Neste extraordinário poema, que é um canto ao sonho, associado à ideia de progresso, combina-se a terminologia científica e técnica (a ciência do átomo, o radar, o alto-forno, a geradora, o foguetão que desembarca na superfície lunar), com o vocabulário bucólico tradicional (o ribeiro manso, os pinheiros altos), e ainda com a surpresa de certas antiteses e imagens (os serenos sobressaltos, as aves que gritam em bebedeiras de azul).

A epopeia humana a que me referi inclui, decerto, privilegiadamente a aventura marítima dos portugueses; e as longas enumerações que estruturam o poema, apesar de a descrição do locus amoenus inicial, não deixam de incluir a rosa-dos-ventos, as Caravelas e o Infante, o Cabo da Boa Esperança, vârios dos tópicos comuns a Camões e a Fernando

Pessoa. Curiosamente, o mestre trovador que é Gedeão escolhe como metro favorito a redondilha maior. Muito ligado à poesia dos cancioneiros medievais e ao Romanceiro popular, consegue veicular no esquema aparentemente pobre do heptassílabo a grandeza da sua cosmovisão, em que o homem, o «animal afilito» que ele nos apresenta logo no começo do Movimento Perpétuo, vai reinar ao longo dos séculos, entre civilização e barbárie, a poderosa orquestra do conhecimento ou, por outras palavras, vai dissipando as sombras e os vãus que ocultavam a realidade, gerando assim novas artes e saberes, novas máquinas, dominando a Natureza, cobiçando o império do Universo.

Acontece Antônio Gedeão proferir algumas vezes aos metros tradicionais, como as suas redondilhas, versos de maior fôlego ou até versículos, mas não abandona a rima, mesmo nesses casos.

O efeito de choque que a poesia de Antônio Gedeão produziu aquando da sua estreia derivava em grande parte da sua interpretação da física, da química e da biologia do mundo, associada a uma reflexão filosófica, patente em muitos dos seus túlos e a que não eram estranhos um certo humorismo suave e uma clara esperança, oferecida como estômulo, como ânsia de transformação e também como lenitivo, esperança que mais tarde ele nos diria ter sido entoado «necessária» (era o tempo do fascismo e da escrita como missão).

Tanto a arte como a descoberta científica e o trabalho humano fixam a sua atenção e lhe merecem aplauso. Antes de José Saramago ter escrito as suas páginas de homenagem aos trabalhadores que ergueram pedra a pedra o mosteiro de Mafra, no Memorial do Convento, já Antônio Gedeão nos dera o «Poema da Pedra Lioz» 3, mencionando logo de entrada os nomes de «Álvaro Góis / Rui Mamede, / filhos de Antônio Brandão / naturais de Cantanhede; / pedreiros de profissão, / de sombrias cataduras». Nestes versos se projectam o talento e o esforço desses artesãos quase anônimos, lavrando o calcário sob a abóbada românica. Cético ao trabalho de onde a beleza vai britar e projectar-se no tempo, para além da morte que iguala os nobres e os plebeus.

A participação do poeta, quando Gedeão, quase ironicamente, se assume como tal, no trabalho seu e dos outros, já que os outros estão em nós, como nós neles, segundo a ética e a filosofia de vida do autor de O Texto Poético como Pensamento Social, exprime-se com imenso amor e solidariedade e ao mesmo tempo com a nua visão, racional, do cientista, em «Suspensão Coloidal»

«Penso no ser poeta, e andar disperso  
na voz de quem a não tem;  
no pouco que há de mim em cada verso,  
no muito que há de tudo e de ninguém.  
Anda o cego a tocar La Violetera,  
e eu a vê-lo, e a cegar;  
e a pobre da mulher esfregando e pondo a cera,  
e eu a vê-la, e a esfregar.  
Que riso perto, que aflição distante,  
que não-fim, difícil, breve coisa nada,  
ínsa, ao fundo, esta droga carburante,  
rasga, revolve e afasta a subterrânea estrada?  
Postulados e leis e lemas e teoremas,  
tudo o que afirma e jura e diz que sim,  
teoria, doutrina e sistemas,  
tudo se escapa ao autor dos meus poemas.  
A ele e a mim.»

A noção subtil e humilde que Antônio Gedeão, antes da teorização de Roland Barthes, tem da distância entre o homem o escritor, o enunciador e o texto está bem marcados no final deste poema.

A solidariedade social, que Gedeão soube exprimir «e era a hora de o fazer» com tanto pouco ruído, mas com tanta eficácia e sem demagogia, brilha, em sua luz negra, muito baixa, carregada de comoção e tristeza, na célebre litania «Calçada de Carriche», que ficou no ouvido de Lisboa.

Há alguns pontos de contacto entre Raul Brandão, esse antepassado de todos nós os que sentimos a dor os pisados, dos humilhados, dos sem abrigo nem reconhecimento cívico, e dois grandes poetas de ontem e de hoje, que sonham em comunhão com os outros: José Gomes Ferreira e Antônio Gedeão.

E ambos, no entanto, conheceram o travo da solidão, mesmo na fraternidade e na intimidade do amor. Veja-se o hiperílico e resignado «Poema do Homem Sá», de Gedeão:

«Sás,  
irremediavelmente sás,  
como um astro perdido que arrefece.  
Todos passam por nós

e ninguém nos conhece.  
 Os que passam e os que ficam.  
 Todos se desconhecem.  
 Os astros não se explicam:  
 arrefecem.  
 Nesta envolvente solidão compacta,  
 quer se grite ou não se grite,  
 nenhum dar-se de dentro se refracta,  
 nenhum ser nãos se transmite.  
 Quem sente o meu sentimento  
 sou eu sim, e mais ninguém.  
 Quem sofre o meu sofrimento  
 sou eu sim, e mais ninguém.  
 Quem estremece este meu estremecimento  
 sou eu sim, e mais ninguém.  
 Dão-se os labios, dão-se os braços,  
 dão-se os olhos, dão-se os dedos,  
 bocetas de mil segredos  
 dão-se em pasmados compassos;  
 dão-se as noites, dão-se os dias,  
 dão-se aflitivas esmolas,  
 abrem-se e dão-se corolas  
 breves das carnes macias;  
 dão-se os nervos, dão-se a vida,  
 dão-se o sangue gota a gota,  
 como uma braçada rota  
 dão-se tudo e nada fica.»

Na poesia de Antônio Gedeão, um sopro de modernidade combina-se harmoniosamente com a maciez e a harmonia da tradição africana. No entanto, ele seria tudo menos um poeta tradicional.

Jorge de Sena sublinha bem no seu já referido prefácio às Poesias Completas a não-tida viragem que Antônio Gedeão realiza, opondo frontalmente à concepção filosófica pragmática, disseminada no imaginário dos poetas anteriores a ele, os pressupostos científicos do nosso tempo, que vertebram a sua poesia e a iluminam.

Jorge de Sena define mesmo Antônio Gedeão como um «poeta extremamente tático da perplexidade de um tempo socialmente suspenso». Além que nos seus livros equilibram-se as afirmações e as interrogações, quer se trate de valores científicos, sociais, humanos ou estéticos.

Neste último aspecto, o de uma estilística própria, há que atentar na importância artística das repetições no ritmo fisiológico do discurso de Gedeão. Também o uso da terminologia científica, combinada por vezes com termos vulgares, quotidianos, o gosto de precisão unido ao da analogia se notam em tantos poemas, onde alguma vez ressoam ecos de Pessoa ortônimo: «Chamei o meu ser que pensa / para ralhar com o que sente / Sempre que os ponho em presença / sorrio piedosamente» 5.

O sentido da história é uma constante da poesia de Gedeão:

«O escopro de milhares de anos arrancou-te à pedra bruta,  
 modelou-te em pormenor.  
 O sangue de milhares de homens, em ti, a ferver, se escuta.  
 A harmonia dos teus gestos foi revolta, treva e luta.  
 O perfume do teu corpo foi temperado em suor.»

Mas há sempre um grama de ceticismo na esperança de Gedeão, quando ele aponta para o progresso científico e técnico da Humanidade e atinge para a presença muito forte da arte num estágio superior de civilização. Gedeão desconfia do homem e tem razões para isso.

Logo no seu primeiro poema, o Homem é um «animal afluxado», isto é, restituindo à sua efectiva animalidade, mas é também «universo em expansão», ou seja, criatura em desenvolvimento, «desde mais infinito a menos infinito», o que supõe a hesitação sobre o desfecho da luta que o homem trava com o tempo.

Arte sempre representacional, a poesia de Antônio Gedeão é um discurso essencialmente voltado o Outro. Embora nelas subsistam (e já tivemos ocasião de o ver) marcas individualistas, que por vezes ele reivindica, o enunciador nunca aparece como aquele eu absoluto que rejeita a sociedade e a razão, senão que assume justamente essa razão, como consciência colectiva em si mesmo.

A sua imersão no social é constante e manifesta. Nos antropódas do poeta da torre de marfim, Gedeão move-se no laboratório da sua sageza e dos seus saberes, que abre varandas de cristal para o mundo.

A comunicação é menos para ele a procura de si, embora não deixe de o ser de alguma forma, do que uma ligação ou, se quisermos, um diálogo didático e filosófico, no mais amplo sentido da palavra, com os outros homens.

Antônio Gedeão nunca está sozinho: em permanente reflexão, está sempre oferecendo aos outros o manancial dos seus conhecimentos, da sua experiência, as suas provetas, os seus tubos de ensaio em sons e sentidos, o seu aparelho de medir, noutras gentes e com elas, a singular passagem da existência.

Diz Leo Bersani, no seu célebre texto sobre o Realismo e o Medo do Desejo, que as literaturas clássicas projectam em geral imagens de régias sociedades de classes, nelas sendo as personagens apresentadas de forma unificada, coerente e muito hierarquizada. Ora Antônio Gedeão, procurando reproduzir imagens de pertinacia e de injustiça no baixo Portugal do salazarismo, rompe formalmente com a própria linguagem segregada pelos ditames da classe no poder, ou mesmo com a difusão, ainda quando inaparente, da sua ideologia.

Antônio Gedeão não compadece apenas os homens e mulheres que são sujeitos e objectos do sofrimento e do desprezo social, substitui-se-lhes; e essas criaturas deixam assim de ser apenas olhadas com comiseração para serem investidas de uma dignidade humana, histórica e cismática, consideradas não só na pequenez a que a ditadura fascista as reduziu, mas na perfeita igualdade da sua origem biológica e na eventual grandeza do seu destino terrestre.

A ideologia de Antônio Gedeão foge tanto à ideologia oficial como ao padrão cultural da classe dominante, que chega não raro a afectar o discurso mesmo daqueles que contestam o regime. É a ideologia de um sage: cientista, professor, poeta, espectador crítico e dilacerado, cuja intervenção se resume ao seu fazer de artista, mas que penetra fundo em quem o é. Ele sonha a harmonia do mundo, isto é, a igualdade na desigualdade, a fraternidade na competição ou na luta de instintos; a liberdade antíntima e cívica, que só pode conseguir-se através de um aperfeiçoamento incessante e progressivo da espécie humana.

Será redutor empregarmos a palavra socialismo para nos acercarmos desta cosmovisão? O certo é que não encontro melhor expressão. O mundo sonhado pelo trovador de «A Pedra Filosofal» está ao mesmo tempo aquém e além da visão de Fourier, de Proudhon, de Karl Marx? É decerto um mundo sem deus, no estrito sentido teológico da crença num criador do universo, omnisciente e omnividente, detentor do castigo e da recompensa. Materialista, darwinista, einsteineano, Rómulo de Carvalho/Antônio Gedeão sonha no entanto o paraíso possível, a pacificação das feras que são a maioria dos homens, ainda presos e talvez para sempre aos primários da sua origem, mas capazes de ternura, de extase ante a beleza do mundo. É essa dualidade, a do homem preso à terra e à morte, condicionado pelas leis biológicas, rigorosas, da mecânica universal, e a da ascensão a uma plataforma superior da vida transformada através da cor, do gesto, da música e das palavras, que ele tenta comunicar-nos, ensinando-nos a olhar sem ilusões, mas com calma euforia, a beleza dos rios, das fontes, das plantas, das crianças, a união dos contrários. E assim a sua poesia fala a dor, o absurdo e por vezes, com atormentada alegria, a esperança.

«Se não fosse esta certeza  
que nem sei de onde me vem,  
não comia, nem bebia,  
nem falava com ninguém.  
Acocorava-me a um canto,  
no mais escuro que houvesse,  
punha os joelhos à boca  
e viesse o que viesse.  
Não fossem os olhos grandes  
do ingênuo adolescente,  
a chuva das penas brancas  
a cair impertinente,  
aquele incôgnito rosto,  
pintado em tons de aguarela,  
que sonha no frio encosto  
da vidraça da janela,  
não fosse a mesma piedade  
dos homens que não cresceram,  
que ouviram, viram, ouviram,  
viram, e não perceberam,  
essas máscaras selectas,  
antologia do espanto,  
flores sem caule, flutuando  
no pranto do desencanto,

se nÃ£o fosse a fome a sede  
dessa humanidade exangue,  
roÃ-a as unhas e os dedos  
atÃ© os fazer em sangue.»

Antônio Gedeão nÃ£o perde de vista, na sua poesia de amplitude cÃ³smica, o passado portuguÃªs, mas nÃ£o comenta as proezas de prÃ-ncipes e herÃ³is: o seu sentido da histÃ³ria volta-o para o colectivo, para o povo e para as grandes mudanÃ§Ã;as operadas na natureza pelos homens. A gente da arraia-miÃºda na expansão marÃ-tima lusitana aparece com colorido rigor no seu Poema da Malta das Naus, com o riso de dentes podres e o escorbuto, e muitas vezes suor e valentia. É o poema dos homens que moldaram as chaves do mundo.

O ambiente, polissomico poema «Ballet», que tanto pode referir-se a uma bailarina, como a uma estÃ;jtua, é mÃ;sica, é arte em geral, traduz a ideia da prÃ³pria vida em processo de aperfeiÃ§oamento. Começa assim:

«Como jogos de Ã¡guia, ascenes  
vitoriosa e ufana.  
Soberana,  
é superfÃ¢cie do tablado estendes  
as linhas com que nos prendes,  
filigrana.  
LÃ-ngua de fumo da taÃ§a do turÃ¢-bulo,  
endoideceste em beleza.  
Vermelha e quente como sangue do patÃ¢-bulo  
Ã© tua natureza.»

e, apÃ³s quatro estrofes, com desigual nÃºmero de versos, onde se afirma: «Tua beleza é vitÃ³ria, / dura vitÃ³ria da espÃ©cie», termina num repto que seria eloquente, nÃ£o fora o prosaÃ-smo voluntÃ¡rio que o enraÃ-za no chÃ£o e no ardor da vida.

«O escopro de milhÃµes arrancou-te é pedra bruta,  
modelou-te em pormenor.  
O sangue de milhÃµes de homens, em ti, a ferver, se escuta.  
A harmonia dos teus gestos foi revolta, treva e luta.  
O perfume do teu corpo foi temperado em suor.»

Em «Esta é a cidade», o sujeito individual, o poeta IÃ-rico, identifica-se plenamente com a Humanidade. A polis, obra do homem, é vista como uma acumulaÃ§Ã£o de cÃ©lulas, tÃ£o bela quanto uma preparaÃ§Ã£o quÃ-mica ou como uma equaÃ§Ã£o bem resolvida. Cidade turbilhonante, onde em meio dos automÃ³veis, das lambretas, das vespas, da multidão, do sÃ©cmen, dos charcos, abundam o sonho e a esperanÃ§a e que desfecha com a adesão do sujeito ao apelo da multidão:

«LÃ¡j vou, lÃ¡j vou.  
Galgo os lanÃ§os da escada de roldão  
e fluo, coloidalmente disperso,  
corpÃºsculo e onda, sem anverso nem reverso,  
Fagocitado pela multidão.»

Em «Autobiografia», eis-nos perante a honesta piedade e a consciÃªncia dramÃ¡tica da dificuldade de intervir, de entrar plenamente no Outro, para alÃ©m do contacto fÃ-sico.

No entanto, a fusão do sujeito com a natureza, numa espÃ©cie de religião sem deus, aparece-nos em diversos poemas. Tal nÃ£o o impede de outras vezes sentir a vida como um campo de concentraÃ§Ã£o. Desta dialÃ©ctica nasce precisamente a autenticidade e a riqueza interior da poesia de Gedeão.

JÃ¡ aludi à faceta interrogativa de muitos textos das Poesias Completas. Citarei apenas duas quadras do poema «Quedo mim?»:

«Em quÃª de mim, as diferentes  
coisas que vejo, me tocam?  
Em quÃª de ser eu provocam  
ExcitaÃ§Ãµes tão frementes?  
Que coisa de mim se enleia,  
Que permanÃªncia me afirma,  
Que sentido faz sentir-ma  
No espaÃ§o que me rodeia?»

Contemplativo, Gedeão vê o mundo como teatro óptico, onde procura a beleza dos longes, preservados pelo mistério.

A solidariedade às vezes grita, numa revolta sinceramente fingida (toda a poesia finge a sua verdade) ante os extremos de misericórdia, ou canta docemente, como se chorasse. Tal é o caso de «Dor de Alma», que no final se propõe acolher em si o sofrimento do mundo:

«Já n'ão tenho o teu engodo,  
não m'ape, nem desejo t'á-lo.  
Prefiro o charco e o lodo.  
Quero o sofrimento todo.  
Quero senti-lo, e vencê-lo.»

Nos Poemas Póstumos, Gedeão manifesta amido de certo gosto pelo epígrama e pelo aforismo e atento ao real às vezes pelo maneirismo, através de caprichosas antiteses, como no esplêndido «Poema das Coisas», onde compara ironicamente o homem e a pedra à fugacidade do amor. Continua a dar-nos poema de vibração colectiva, mas as suas tonalidades tornam-se com frequência mais escuras e o tecido literário é invadido por um certo ceticismo. Lembra o triste, terrível «Poema do amor fússil» (Poemas Póstumos), com o seu advertido receio da insensibilidade do mundo cibernetico.

Um dos poemas capitais desta segunda fase de Antônio Gedeão é o doloroso «Poema sem Esperança», onde o sujeito poético conta ter simulado por vezes, como um médico, como um soldado, mais esperança do que aquela que sentia. Às a hora das últimas confissões: «Era uma esperança imposta, necessária / para as voltas dos dias e das noites».

Mais complexo e contraditório nos surge o poeta, agora na sua total humanidade. Num dos seus poemas mais delicados, «Poema do menino do Higroscópio», Gedeão apresenta-nos a natureza sensualizada pelo pâlen, cujos grãos buscam o vulo. Às a pintura da primavera eterna, em que palpita o desejo, real ou imaginário, dos namorados.

Vou terminar.

Ao optimismo do século XIX, à sua crença ilimitada no progresso, sucede neste final do século XX uma habitualização ao pesadelo. Di-lo George Steiner, no seu ensaio No Castelo do Barba Azul, onde afirma textualmente:

«Já n'ão admitimos a projecção, implícita no modelo clássico do capitalismo benfazejo, segundo a qual o progresso irradiaria necessariamente a partir dos seus centros privilegiados, acabando por tocar todos os homens. As obscenidades supérfluas das sociedades desenvolvidas coexistem com o que parece ser um estado de fome endêmico em grande parte da Terra. Com efeito, o progresso, quanto às esperanças de vida individual e à duração desta, proporcionada pela tecnologia médica, alimentou o ciclo do excesso populacional e da fome. Muitas vezes, os bens e os circuitos de distribuição necessários para a eliminação da fome, da misericórdia, encontram-se a postos, mas a indústria da cupidão ou a da política não permitem a sua utilização»

George Steiner analisa a falha das esperanças (dos «programas messianicos») de libertação social, como o de Marx, e a utopia ontológica do progresso humano.

Hoje, perante as desigualdades, o desemprego, as monstruosidades sociais e intercontinentais que estão nascendo dos modelos de globalização, sob a tutela de um pensamento único ou do neo-liberalismo venerador do dinheiro acima de tudo, sentimos a falta de mais vozes como a de Antônio Gedeão, que se calou após os seus Poemas Póstumos.

Não temos o direito de perturbar a sua paz, solicitando-lhe que volte, que torne a dizer-nos do sonho e da esperança. Mas outras vozes virão talvez na sua mesma linha, trazer-nos a luz da ciência e da bondade, virão bater-se serenamente pela vida contra a morte, pela liberdade contra a opressão, pela inteligência generosa contra o bezerro de ouro e tudo o que gera ou acrescenta a dor dos outros, sentida como nossa.

À